



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufrgs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Carquijero de Medeiros, Daniele Cristina; Soares, Carmen Lúcia
UMA NATUREZA QUE EDUCA: AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS NO ESTADO DE
SÃO PAULO (1930-1940)

Movimento, vol. 23, núm. 3, julio-septiembre, 2017, pp. 949-962

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115352985012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

UMA NATUREZA QUE EDUCA: AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS NO ESTADO DE SÃO PAULO (1930-1940)

*AN EDUCATING NATURE: THERMAL SPRINGS IN THE STATE OF SÃO PAULO
(1930-1940)*

*UNA NATURALEZA QUE EDUCA: LAS ESTANCIAS HIDROMINERALES EN EL
ESTADO DE SÃO PAULO (1930-1940)*

Daniele Cristina Carquijeiro de Medeiros*, Carmen Lúcia Soares*

Palavras chave:

Águas termais.
Natureza.
Corpo.
Educação.

Resumo: As estâncias hidrominerais no Brasil se fizeram importante reduto de uma nova educação do corpo no início do século XX. Indicadas por um discurso médico que prescrevia uma fuga em direção à natureza, os novos divertimentos procurados pelos viajantes foram expressão de uma natureza domesticada pela mão humana e contraponto à vida na cidade. Entre curas, regenerações e divertimentos, este artigo propõe uma viagem em meio à natureza nas estâncias hidrominerais paulistas de Serra Negra e Águas de Lindoia, nas décadas de 1930 e 1940, período de seu esplendor, e tem como objetivo compreender de que forma essas estâncias, com suas indicações, prescrições e possibilidades, operavam uma determinada e específica educação do corpo dos visitantes. As fontes constituídas compreendem guias de viagens, revistas médicas e anais de congressos que tratam das águas termais.

Keywords:

Thermal water.
Nature.
Body.
Education.

Abstract: Thermal springs in Brazil were an important place for a new education of the body in the beginning of the 20th century. Whether they were within a medical discourse prescribing escape towards nature or new traveling destinations, they expressed nature domesticated by human hands and a counterpoint to urban life. Among healings, regenerations and amusements, this article proposes a trip amidst nature in the thermal springs of Serra Negra and Águas de Lindoia in the 1930s and 1940s, which were their days of glory. It aims at understanding how these thermal springs operated a determined and specific type of education in the bodies of their visitors, with their many indications, prescriptions and possibilities. The sources include travel guides, medical journals and conference proceedings addressing the subject of thermal springs.

Palabras clave:

Aguas termales.
Naturaleza.
Cuerpo.
Educación.

Resumen: Las estancias hidrominerales en Brasil pasaron a constituirse como importantes reductos de una nueva educación del cuerpo a inicios del siglo XX. Indicadas por un discurso médico que prescribía una fuga en dirección a la naturaleza, o como nuevos espacios de diversión buscados por los viajeros, fueron expresión de una naturaleza domesticada por la mano humana y como un contrapunto a la vida en las ciudades. Entre curas, regeneraciones y diversión, este artículo propone un viaje hacia aquella naturaleza de las estancias hidrominerales de Serra Negra y Águas de Lindoia, en São Paulo, en las décadas de 1930 y 1940, período de su máximo esplendor, y tiene como objetivo comprender de qué forma estas estancias, con sus indicaciones, prescripciones y posibilidades, operaban una determinada y específica educación del cuerpo de los visitantes. Las fuentes constituidas comprenden guías de viaje, revistas médicas y anales de congresos que tratan de las aguas termales.

*Universidade de Estadual de
Campinas. Campinas, SP, Brasil.
E-mail: danieli_ccm@hotmail.com;
carmenls@unicamp.br

Recebido em: 10-02-2017
Aprovado em: 22-07-2017



1 INTRODUÇÃO

Fuja da poeira das cidades e do ar confinado dos seus escritórios ou salas de trabalho. Aproveite os sábados e os domingos para procurar o ar dos campos. [...] Ande pelo mato, respire o ar da manhã, longe das poeiras e dos rumores. [...] Limpe o seu corpo das infecções orgânicas e a sua mente das ideias pesadas de trabalhos e de preocupações. Aprenda a viver em contato com a terra (PROCURE... 1940, p. 18).

As quatro primeiras décadas do século XX permitem perceber o surgimento de novas preocupações com a educação, a saúde e a doença nas aglomerações urbanas que, neste período, ganham uma dimensão totalmente nova no Brasil e atestam seu efetivo crescimento. O elogio à vida se expressa em um ideário de busca de equilíbrio entre o trabalho e o repouso, o estudo e o recreio, a cura e o divertimento. Seria possível considerar que uma nova ordem urbana em ascensão evoca o *ar puro* e a *vida ao ar livre* como possibilidade de equilíbrio físico e mental, e, também, como terapêutica das doenças causadas pelos novos ritmos urbanos. Mas, para além de prescrições elaboradas por um pensamento médico e educacional, uma natureza que educa, cura e regenera se produz insistentemente em grande polissemia no período.

É assim que uma educação pela natureza ganha espaço e se constitui mesmo como bandeira do higienismo, pois passa a ser compreendida para além da instituição escolar e coadjuvante de processos e cuidados terapêuticos por meio de seus elementos. A ideia da prevenção, cara ao período, é sublinhada e o ar dos campos, o sol, as águas, sejam elas termais, do mar ou dos rios são registrados em diferentes veículos¹ e são evocados como lugares de cura, regeneração e divertimento.

Uma natureza com tantos adjetivos não seria aquela “rude” e “selvagem” que, segundo higienistas e educadores, caracterizava o mundo rural. O extenso relato feito por Belisário Penna e Arthur Neiva já em 1923 demonstrava o quanto esse mundo era lugar de mazelas e sofrimentos e que definitivamente deveria ser transformado. A natureza que educa é aquela desenhada pela cidade, sobretudo produzida pela aliança estabelecida entre médicos e educadores, transformando-se num campo de saber cuja extensão de conselhos almeja se estender ao conjunto da população (SOARES, 2016). A incorporação e divulgação dessas ideias no âmbito escolar e, especialmente, na imprensa confirma nossa hipótese de que um novo desenho da natureza como constitutiva de práticas educativas estava em curso no período.

As estâncias hidrominerais, famosos destinos de veraneio no período, constituíram uma das expressões mais acabadas deste discurso de exaltação da natureza em suas práticas educativas.

2 AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS

As estâncias hidrominerais são cidades que possuem tal denominação por fundamentarem sua economia na exploração de águas termais e de nascentes de águas indicadas para o tratamento de determinados males. O termo nasceu no estado de São Paulo

¹ Revistas como a *Educação Physica*; *Vida e Saúde* e *Revista de Ensino*, bem como anais dos Congressos de Higiene realizados na década de 1920 estão entre os principais divulgadores deste discurso.

com o Decreto Estadual nº 6.501 (1934) e marcou uma nova compreensão desse elemento, pautada pelo conhecimento científico e aplicações médicas.

As estâncias estudadas neste artigo são Serra Negra e Águas de Lindoia, cidades que se ocuparam dessa “vocação” para o uso econômico das águas de diferentes formas. Serra Negra iniciou a exploração das águas nos anos de 1930, quando do declínio do café, sua principal base econômica. Águas de Lindoia o fez através do trabalho do médico Francisco Tozzi, que enxergara nas águas um poderoso medicamento, decidindo então explorá-las.

De acordo com Marrichi (2009) e Quintela (2004), as estâncias hidrominerais inauguraram o turismo de férias no Brasil, no fim dos anos de 1920 e foram, até o fim dos anos de 1930, os principais destinos de veraneio de brasileiros de distintas classes sociais que puderam, em alguma medida, usufruir férias nesses lugares.

Esses destinos alçaram tal fama aliando três fatores: o primeiro, a força com que as estâncias hidrominerais europeias adentravam o imaginário da elite brasileira, que as procuravam em busca de diferenciação social (MARRICHI, 2009). O segundo, o incentivo dado pelo governo Vargas para exploração do turismo nos recantos naturais brasileiros, em que as estâncias hidrominerais foram carros-chefe (LUZ, 1982). O terceiro, objeto do presente artigo, foi o incentivo médico às férias em meio à natureza e à exploração científica das águas termais, fatos que colocaram tais estâncias em um novo patamar, tornando-as um verdadeiro reduto de saúde, regeneração e educação do corpo daqueles que as visitavam.

Nosso objetivo, neste artigo, é compreender de que forma essas estâncias, com suas indicações, prescrições e possibilidades, operavam uma determinada e específica educação do corpo dos visitantes nas décadas de 1930 e 1940, época em que tais cidades atingiram seu apogeu turístico.

Para Soares (2015), a educação do corpo é tomada a partir de um conjunto de técnicas, pedagogias e políticas que procuram adequar os sujeitos às práticas e costumes de uma sociedade, o que os torna aptos a agirem em um meio social específico. Ainda, “[...] seria possível afirmar que as manifestações corporais são alcançadas por múltiplos processos educativos e passam a requerer um aprendizado específico e adequado para cada ocasião e contexto” (SOARES, 2014, p. 220). É desta forma que os regimes alimentares propostos, os divertimentos, as vestimentas adequadas para as férias expressam os preceitos higiênicos e as condutas determinadas pelo discurso médico a respeito das estâncias e podem ser consideradas como formas de educar os corpos. Assim, elaboramos nosso objetivo baseados em tal noção e indagamos: é possível depreender essa educação se o próprio corpo como matéria não deixa rastros?

Oliveira e Vaz (2004, p. 16) apontam a dificuldade de pesquisar os rastros que o corpo deixa na história:

O corpo não deixa marcas tão precisas para o estudo histórico. Os registros dos quais dispomos são sempre mediações, ou representações, se preferirmos. [...] A linguagem que manifesta a corporalidade não é passível de ser apreendida plenamente nas formas textuais, orais, iconográficas, monumentais. [...] As narrativas sobre aquelas práticas só podem ser aproximativas, não só no que se refere ao seu conhecimento, como naquilo que diz respeito à sua inscrição como fato histórico.

Por essa razão, nosso trabalho elege um vasto conjunto de fontes que indicavam o aporte correto do corpo, do gesto e dos sentidos daqueles que frequentassem as estâncias: horários de sono, tempo de contato com a água, passeios dirigidos à natureza, regras de boa convivência. Esse conjunto de fontes compreendeu: guias de viagens e guias produzidos por hotéis, balneários e outros estabelecimentos; receituários médicos; anais de Congressos de Crenologia e Hidroterapia² (1930; 1940), legislações estaduais e federais, revistas voltadas ao estudo das águas.

A noção de educação do corpo nestas estâncias passará primeiro pela compreensão da natureza como aliada às curas e regenerações prescritas pela medicina, e a forma pela qual as estâncias hidrominerais serviram a este intento no Brasil. Em seguida, tratamos da discussão acerca das práticas e representações desses procedimentos, dividida entre as curas e as regenerações prometidas pelo contato com a natureza e os divertimentos almejados pelos visitantes.

Entre a cura e o divertimento, seguimos o caminho em direção às estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia, na busca pela compreensão da noção de educação do corpo em seu cotidiano no seu período áureo 1930 e 1940.

3 AS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS E A NATUREZA DOMESTICADA

As estâncias hidrominerais expressam uma ideia de natureza benfazeja, capaz de restabelecer os males supostamente proporcionados pela cidade. Conforme analisa Thomas (1996), na segunda metade do século XVIII, novas sensibilidades foram forjadas, e permitiram que outras relações com a natureza se dessem: o toque nas texturas, os sons da natureza, prazeres sensoriais impensáveis até então, tornaram-se parte da relação humana com o meio natural. Nascia então uma concepção de natureza pura e benéfica, que contrastava com os elementos da cidade³.

Com o tempo, a medicina apropriou-se dessa concepção e incluiu os elementos da natureza em seu cabedal de prescrições. No Brasil, entre o final do século XIX e início do século XX uma nascente medicina social se apoiava na premissa de que a origem, causa e determinação das doenças era a realidade social, expressa pelos modos de vida nas aglomerações urbanas e suas consequências negativas para a saúde das populações (ROCHA, 2003; GOIS JR., 2005). As soluções para esses problemas urbanos, encontradas por esta vertente da medicina, não eram uníssonas, e tampouco se equacionavam em uma única resposta. Além dos rearranjos urbanos, uma das propostas indicava ser o campo o contraponto ideal no combate aos vícios e à insalubridade supostamente próprios às cidades.

Para além de inserir a natureza no cabedal de prescrições que visavam combater a fadiga e o esgotamento nervoso, essa medicina, em aliança com o campo da educação e com incentivos governamentais, passou a indicar os locais adequados e a forma mais precisa de usufruir dos elementos naturais. Assim, as viagens de férias rumo à natureza, já exploradas

2 Crenologia e hidroterapia são ramos da hidrologia que estudam as águas minero-medicinais em suas aplicações práticas e na prevenção das entidades mórbidas.

3 Lenoble, em seu clássico livro intitulado *História da ideia de natureza* (1969), afirma que as ideias e conceitos construídos a respeito da natureza são históricos, que se transformam e alteram suas perspectivas de acordo com o percurso da humanidade.

por este mesmo ramo da medicina na Europa⁴, começavam a fazer parte das prescrições e conselhos, compondo um ideário brasileiro de cura e regeneração neste início de século XX.

Uma ciência médica responsável por indicar o bom aproveitamento das férias aconselhava também que partir em direção à natureza permitiria que o corpo entrasse em contato com atividades diversas e com exercícios como o nado e as excursões, práticas que educariam o corpo e impediriam que as férias fossem utilizadas apenas para a ociosidade, a “mãe” de todos os vícios (LUZ, 1982).

Sublinhamos aqui que as férias surgiram como uma instituição responsável por demarcar de forma controlada o tempo de uma subversão do cotidiano (RAUCH, 2001). No Brasil, no período aqui estudado, seu advento se fez através da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho — Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943). Essa legislação não fora aprovada, contudo, sem que discussões dessa medicina social e trabalhista apontassem maior produtividade do trabalhador mediante um período de repouso (LUZ, 1982).

Uma sociedade marcada pelo ritmo das fábricas e da realidade estafante do trabalho via nas férias o período ideal de quebra desta temporalidade, tomado então pela natureza, pelo frescor do mato e, sobretudo, pela temperatura das águas nas estâncias hidrominerais. Esses locais, tão divulgados como sinônimo de tratamento e cura pelas águas balizadas pela ciência e pela medicina, ajudaram a compor um cenário de uma natureza específica, redesenhada pela mão humana, que serviria às necessidades brasileiras deste início de século XX. Foi desta forma que figuraram como um dos principais destinos de viagens e férias em meio à natureza no Brasil, e aliaram os intentos dessa medicina, os propósitos governamentais e certo desejo da elite de diferenciação (MARRICHI, 2009). Assim, é possível afirmar que a procura por esses locais envolvia um misto de necessidade das curas, regeneração do esfalfamento causado pelo ambiente urbano com seus ritos e ritmos, além, é claro, de divertimentos e passeios que seriam ali proporcionados.

Dadas as devidas relações que eram desejadas e esperadas em seu interior, cabe agora investigarmos quais eram as práticas ocorridas nas cidades de Serra Negra e Águas de Lindoia, e de que forma essas relações se baseavam nas premissas emitidas, principalmente, pela literatura médica. Dentre a cura, a regeneração e o divertimento, analisaremos agora de que forma a educação do corpo se dava nessas estâncias nesse período.

4 AS CURAS, AS REGENERAÇÕES E OS DIVERTIMENTOS: FORMAS DE USUFRUTO DAS ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS

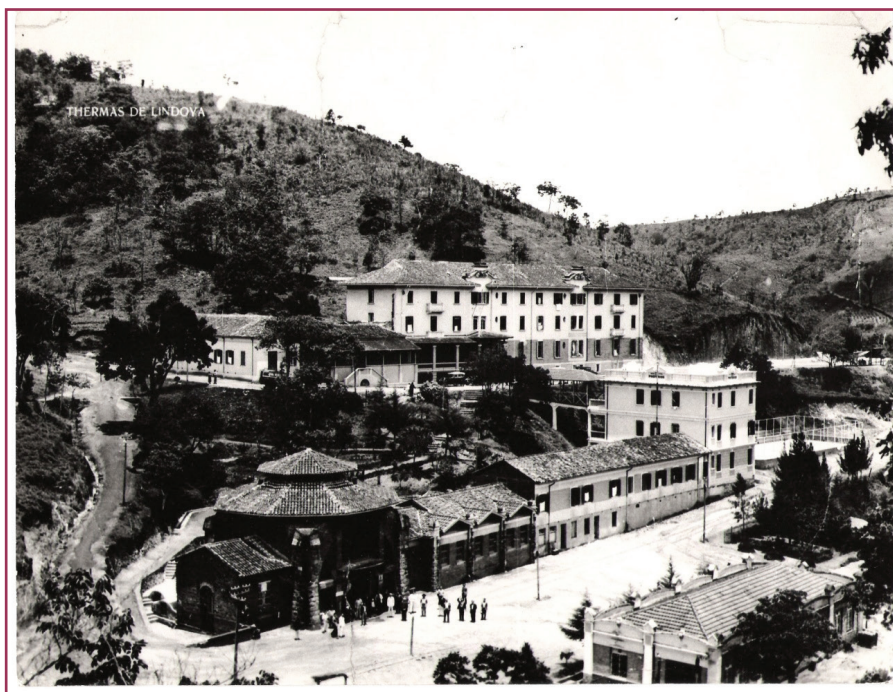
Buscaremos agora pelas formas de educação do corpo no interior das estâncias aqui estudadas. Entre o olhar dos médicos e as possibilidades de divertimento, uma miríade de atrativos convidava os turistas e curistas a fazer exercícios ao ar livre, caminhadas, e, claro, as curas às quais se destinavam.

Compreendemos que uma primeira forma de educação do corpo na estadia dos curistas e turistas advinha da arquitetura das cidades, cuja influência médica era inegável. Praças arborizadas, vias que possibilitassem o passeio dos turistas, balneários e hotéis com amplo espaço eram alguns dos atrativos oferecidos inspirados nas recomendações médicas

4 Uma ideia de que as viagens de férias rumo à natureza guiadas pelo saber médico seriam benéficas à saúde da população já se fazia presente em países como Portugal (HASSE, 1999) e França (VILLARET, 2005; RAUCH, 2001).

para seu bom aproveitamento. Paralelas a essa educação visual, outras formas de educar os turistas se faziam presentes conforme discutiremos nos passos seguintes, através de dois eixos de análise.

Figura 1 - Área onde se situa o atual balneário de Águas de Lindoia (com Hotéis ao fundo) – Década de 1930.



Fonte: Acervo Pessoal Professor Francisco Goulart.

O primeiro são as curas e regenerações proporcionadas pelas águas em relação a outros elementos da natureza. Com o descobrimento do potencial curativo das águas termais, as vertentes médicas voltadas a esses estudos trataram de aliar o poder de cura das águas, agora quimicamente analisadas, ao clima e à vegetação, e indicar tratamentos variados para quem procurava por aquelas cidades, consideradas mananciais de natureza a serviço da humanidade.

4.1 As curas e as regenerações

As curas e regenerações figuravam como os principais itens para a divulgação das estâncias hidrominerais nos meios médicos. Os estudos produzidos exaltavam tais funções, retomando que sua principal finalidade era a de afastar a fadiga oriunda do trabalho e da vida urbana. Era preciso, portanto, que aqueles que procurassem as cidades termais estivessem dispostos a se afastar da agitação característica da vida urbana e se dispusessem a usufruir da tranquilidade ali proporcionada:

Lindoia distingue-se das outras estações pela quietude, pela calma que alli reina, pela contínua observação medica sob os doentes, não havendo o bulício, a jogatina e, de consequência, a destemperança que acarretam tais inconvenientes á saúde dos que para lá se dirigem (LINDOIA, A ESTAÇÃO..., 1935).

Assim que o visitante se incumbisse de abandonar tais características, poderia iniciar seu tratamento, que incluía, também, elementos como ar puro, sol e a alimentação, considerados “métodos acessórios”. Um dos principais remédios naturais depois das águas minerais era o clima, que se mantinha na casa dos 18 °C ao longo do ano em ambas as estâncias, não havendo desta forma um período contraindicado com relação a esse aspecto:

Os hotéis das *Thermas* funcionam *todo o anno*, sabido como é que não há época indicada para o uso das suas virtuosas águas, pois Lindoya, com seu clima constante e ameno, com sua maravilhosa perspectiva bucólica, a sombra benfazeja de suas verdes florestas, as manhãs resplandecentes de luz, o crepúsculo dourado das tardes, fazem d'esta estância, a *hydropole typica* incomparável para os que procuram repouso (PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA, s/d., grifos do autor)

O clima, a vegetação e a paisagem seriam responsáveis por transmitir uma espécie de calma e tranquilidade, pressuposto ao tratamento com as águas. Entretanto, para o seu verdadeiro aproveitamento, era preciso desfazer-se de todos os apetrechos mundanos: nada de excesso, diversos calçados ou roupas de baile. Uma vida despreocupada, livre dos vícios da cidade era aquela desejada para as estâncias:

[...]. São recommendaveis as vestes frouxas, simples e leves, os esportes principalmente a natação, a equitação, o remo e a mecanotherapie. Os passeios pelos campos e pelas mattas e os benéficos efeitos do sol, fortalecem o corpo e o espírito (GUIMARAES, 1923, p. 68).

Aqueles que não se sujeitavam a esse novo modo de viver recebiam diversas críticas dos médicos:

Alguns procuram-nas todos os annos, como esporte, sem um conselho médico, não prevendo o mal que isso lhes pode acarretar. As senhoras, em particular, quando pensam em partir para uma estância de cura, o seu primeiro cuidado é dar um balanço em seu guarda-roupa. [...] Isso, além de impróprio e quase ridículo, é contraproducente, quando pretendam algum benefício em favor da saúde (GUIMARAES, 1923, p. 68).

Os diversos elementos da natureza presentes nas estâncias e seus benefícios aos que lá procuravam repouso e regeneração deveriam se aliar às águas, meticulosamente analisadas em sua composição química e que serviam como embasamento aos ditames médicos que procuravam orientar os visitantes das estâncias. A temperatura dos banhos e sua quantidade diária eram dois fatores na prescrição dos médicos a respeito do uso adequado das águas, buscando soluções para a sua aplicação, em especial para “[...] os pacientes sensíveis, descompensados ou depauperados, [que] devem tomar os banhos, aquecidos artificialmente, numa temperatura entre 28º e 33º, ou começar o banho por uma temperatura mais alta de 36º descendo aos poucos a 33º, ou de 33º a 28º (BOURROUL, 1929, p. 737)”.

Para a piscina, as regras de utilização também eram rígidas. O paciente que deveria utilizá-la era aquele portador de certificação médica liberando seu uso, pois:

A água radio-activa da piscina é renovada de 24 em 24 horas e sua desinfecção obedece aos mais rigorosos preceitos de higiene, só entrando nela os que tomam previamente um banho de imersão, lavando os pés na ocasião de dar o seu mergulho (ALMEIDA, 1943, p. 40).

Bourroul (1929) afirma ainda que, além da serventia para os banhos, a piscina se prestava também à helioterapia, um dos principais tratamentos indicados em Lindoya e Serra Negra como auxílio à hidroterapia no combate às enfermidades. É interessante notar que os divertimentos presentes nos banhos de piscina não adentravam o receituário médico. Essa possibilidade, embora existente, não cabia nas prescrições, que se guiavam pelas diretrizes científicas. Apenas a natação foi mencionada nos relatos médicos e, ainda assim, sob a forma de exercício responsável por facilitar a ação das águas medicamentosas.

Figura 2 - Piscina do Hotel Radium. Serra Negra. s/d.



Fonte: Acervo Pessoal Nestor de Souza Leme

A alimentação se configurava em uma preocupação constante e presente tanto nas publicações médicas quanto nas propagandas locais. A ideia é que a dietética fosse seguida à risca, sem a ingestão de alimentos gordurosos, tóxicos ou pesados. Para isto, a cozinha dos hotéis deveria estar preparada para servir a alimentação adequada aos hóspedes.

Nos nossos hotéis a cozinha é feita de acordo com as **directrizes** médicas [...] As comidas salgadas, os **condimentos**, especiarias, pimenta, chocolate, vinhos, cervejas, licôres, etc. são absolutamente contraindicados nas moléstias que requerem o uso destas águas (PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA, s/d., grifos do autor).

A alimentação, o repouso, a ingestão das águas, os horários adequados para os banhos faziam parte das indicações nas propagandas e nas receitas médicas. Quer seja no restaurante do hotel ou no interior da piscina, as diretrizes indicavam a melhor forma dos curistas aproveitarem sua estadia. Dependia exclusivamente deles segui-las para que os resultados prometidos fossem alcançados. Era também de sua responsabilidade o abandono dos ares de turista e a urbanidade impregnada que deveriam dar lugar a um contato estreito com os elementos da natureza e os alimentos saudáveis.

O discurso das curas, aliado à regeneração promovida pela natureza, se fazia como bandeira de um pensamento médico de busca pelas estâncias hidrominerais. Entretanto, os divertimentos, principais incentivadores das viagens rumo a esses locais, também se faziam presentes e deixavam suas marcas nos períodos de estadia.

4.2 Os divertimentos

O segundo eixo de análise trata dos divertimentos e da forma como adentravam o imaginário dos turistas nas estâncias, que os consideravam de modos distintos. Essas práticas faziam parte de uma encruzilhada moral para os médicos locais, pois, ao mesmo tempo em que divertimentos mundanos comprovadamente “atrapalhavam” o tratamento e, portanto, deveriam ser proibidos, em algumas estâncias proporcionavam fama e dinheiro, com cassinos, bailes e

jazz bands, tornando-as famosas Brasil afora. Como conciliar tratamento e divertimentos para que as estâncias não perdessem seu principal atributo de serem um hiato de calma e saúde em meio à natureza, e ao mesmo tempo atrair mais turistas?

Essa questão dividia a própria categoria médica. O afluxo de turistas em Poços de Caldas, vizinha das estâncias de Serra Negra e Águas de Lindoia, só aumentava durante a década de 1930 (MEDEIROS; SOARES, 2016), em grande parte por conta dos cassinos e da vida noturna agitada que lá acontecia. A questão preocupava os médicos das cidades, já que a possibilidade de perder turistas para outras estâncias poderia agravar um declínio que o termalismo já sentia no final da década de 1930. Entretanto, as diretrizes da estância de Lindoia, enquanto Francisco Tozzi era vivo, eram bem claras: os divertimentos mundanos, em especial os cassinos, deveriam passar longe de sua estância, que se destinava exclusivamente às curas através das águas termais (CAMPOS E SILVA, 2005).

Na tentativa de solucionar esse impasse entre o oferecido e o desejado pelos turistas, os médicos tentavam ser os responsáveis pelos divertimentos disponíveis na cidade que, é claro, caberiam no receituário médico: livres de excessos, sem bebidas alcoólicas, com horários predefinidos, permitindo aos curistas aproveitar as primeiras horas das manhãs nas estâncias.

No conto *Bom dia, Lindoya*, Mário de Andrade relata uma experiência na cidade, ao valorizar mais o sossego e a regeneração do que os divertimentos mundanos. O dia margeado pelo sorver das águas seguia exatamente as indicações para seu bom aproveitamento. O período noturno, após a última refeição do dia, é que permitia uma margem para experimentar outros divertimentos na cidade. Entretanto, Mário de Andrade sublinha que os divertimentos vivenciados nessa estância não ficavam muito distantes daquilo que era indicado e prescrito pelo receituário:

Depois do jantar é o momento deliciosíssimo do footing na rodovia. Busca-se o poente que, contornado um lombo mais rotundo do morro, mostra de sopetão seu fogo-de-artifício sempre inédito. Hora perfeita de conversar viagens, literatura e vaidades; hora de política, de Bolsa, hora de anedotas suculentas; hora humaníssima de mentir aos poucos e comentar sem mal o ridículo alheio; hora enfim de recenciar a saúde nova colhida durante o dia no azul da água, e principiar o amor (ANDRADE *apud* RIZZO, 1937, p. 29).

Até mesmo as danças e bailes, em geral grandes atrativos das estâncias hidrominerais do período, tinham pouca força nessas cidades. De acordo com o autor, o lugar das danças era pequeno no cotidiano dos visitantes, que preferiam dar lugar a outras atividades e dormirem cedo, para aproveitarem mais a manhã seguinte, primordial no tratamento com as águas:

Dansa-se pouco em Lindoya, ao som dum quasi-jazz bem ritmador. Dança-se pouco. Muitos preferem ficar no passeio do ar-livre, na frente do hotel espiando a hora da lua. As vinte-e-uma horas há uma fuga rápida até os salões de comer, por causa do chá. E a volta dispersa mais todos, porque o tempo do sono chegou (ANDRADE *apud* RIZZO, 1937, p. 29).

Entretanto, para além das prescrições médicas e dos divertimentos que as seguiam à risca, existiam as apropriações feitas por turistas e comerciantes. Nos meandros das recomendações, havia hiatos em que os visitantes se apoiavam com a finalidade de aproveitar mais o período de estadia. Principalmente no que diz respeito à vida noturna, as regras não eram sempre seguidas, e outras formas de divertimentos, distantes do convívio no saguão dos hotéis ou nas mesas de jantares eram praticadas.

Dentre as possibilidades existentes em Lindoia, os salões de festas dos hotéis, a *jazz band* e os esportes se faziam presentes (TERMAS DE LINDOIA, 1933). Já em Serra Negra os hotéis dominavam com salões de dança, cassino, bar americano, mesas de bilhar, *playground* para as crianças (ALMEIDA, 1943), além de um Cine Teatro, que funcionava também como casa de *shows* para bandas e espetáculos de dança (TEMPORADA..., 1947).

Os cassinos, famosos na estância de Poços de Caldas, eram veementemente proibidos pelos médicos locais na década de 1930. Entretanto, no “Album de Serra Negra” (CALDEIRA, 1935), havia a propaganda do “Cassino familiar”. Ainda, de acordo com Campos e Silva (2005), no início da década de 1940 outro cassino teria funcionado no Lindoia Hotel, comandado por Alberto Quatrini Bianchi, um magnata dos jogos de azar no país. Em Serra Negra também figurou um cassino na década de 1940, situado no interior do Grande Hotel Serra Negra (ALMEIDA, 1943). O cassino figurava como um dos principais atrativos do hotel, na tentativa de confrontar com a piscina do Radio Hotel, seu maior concorrente local.

O memorialista Nelson Dallari (1966) afirmou em seu trabalho que esse cassino foi fechado em 1942, com a proibição do jogo por parte do Governo Federal. Campos e Silva (2005) afirma que os cassinos lindienses foram fechados com o decreto governamental de Eurico Gaspar Dutra, que proibiu os jogos de azar em toda a extensão nacional em 1946.

Além dos divertimentos mundanos, a prática de esportes se fazia ali presente figurando como elemento de propaganda e divulgação das cidades: a ginástica através dos alongamentos e da mecanoterapia, somada às massagens e à fisioterapia, era praticada e indicada como auxiliar do tratamento médico, sendo oferecida no interior das Termas de Lindoia como um dos serviços básicos (BOURROUL, 1929).

Em suas propagandas, os esportes eram vistos como uma das principais atrações, principalmente a natação, praticada na piscina que, por seu tamanho e profundidade, já agradava aos visitantes; a equitação e a ginástica. Separado, aparecia o tênis e sua quadra, com a legenda: “Bom ‘court’ de tennis, organizado com a observância das regras do fidalgo Sport, proporciona aos hospedes das ‘Thermas’ um entretenimento saudável e útil” (ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOIA, s/d).

Os esportes agradavam ao público que visitava a estância, ganhando um aliado a mais na difícil tarefa de passar o tempo em observância ao tratamento, e agradavam também aos médicos, que os recomendavam sem contraindicações nas práticas das estâncias hidrominerais:

Diversões esportivas que sejam lenitivos para aqueles que mais usam o cérebro como arma de combate na luta pela vida, como poderão ser o camping, o excursionismo, a caça, a pesca, a peteca, o tênis, a natação, a dança e outros esportes que se coadunam com a idade, o desenvolvimento físico, o hábito esportivo, etc. de cada organismo em particular (BRANDÃO, 1937, p. 45).

5 CONCLUSÃO

Após este diálogo com as fontes a respeito daquilo que denominamos educação do corpo nas estâncias hidrominerais, algumas questões ficam claras e outras ainda permanecem em busca de respostas. Ao tratarmos dessa noção, mediante três elementos — curas, regenerações e divertimentos —, percebemos que as indicações médicas procuravam abarcar:

cuidar do curista desde o momento em que chegava à estância, hospedagem, bagagens, ingestão das águas, contato com a natureza, divertimentos possíveis no receituário.

As curas são consideradas a principal faceta de uma educação do corpo nessas estâncias, dada a prioridade com que eram tratadas nos relatos médicos e propagandas. Baseadas nas análises científicas das águas, que conferiam certa notoriedade às publicações e receitas, as ações voltadas ao curismo estampavam a primeira preocupação dos médicos. Suas indicações procuravam definir como e quando usufruir das águas, qual a forma correta de se alimentar, a quantidade ideal de sono e repouso. Ainda, pontuava-se de que forma as mudanças no ambiente auxiliavam nas curas procuradas nessas cidades.

A regeneração dos corpos através de um contato com a natureza se fazia presente já durante o percurso da viagem, nas paisagens e no ar puro. Clima, vegetação e exuberantes panoramas das estâncias auxiliavam os visitantes a se regenerarem frente aos excessos da vida urbana e permitiam que voltassem curados da estação; mas precisavam se portar de forma diferente da vida na cidade, abandonando os excessos e divertimentos mundanos, voltando-se à natureza. Os exercícios ao ar livre e as excursões eram auxiliares das mudanças desejadas e indicadas pelos médicos.

Por fim, os divertimentos foram apontados como o percalço dos médicos: de um lado, charmes de visitantes; de outro, inadequados à imagem quista para as cidades. Seriam incentivados ou proibidos?

Em sua maioria, os divertimentos descritos foram associados aos ditames médicos, sem excessos e permitidos dentro do receituário emitido a cada curista. As piscinas, banhos de sol e os esportes foram alguns dos divertimentos citados que serviam tanto à distração dos visitantes quanto auxílio aos tratamentos. Porém, embora proibidos em ambas as cidades, os cassinos estiveram presentes nas décadas aqui estudadas, sendo um dos elementos de divertimento da população.

Figura 3 - Cartão postal com vista da piscina das Thermas de Lindoya. s/d.



Fonte: Acervo pessoal Miriam Maria Tozzi.

A partir dos três eixos analisados, foi possível percorrer um panorama dos cuidados, indicações e prescrições aos curistas e turistas que visitaram tais estâncias em seu esplendor, nas décadas de 1930 e 1940. Foi possível também compreender as relações estabelecidas no período que marcaram essas cidades em sua íntima identificação com as águas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Serafim Vieira. As principais águas minerais do Brasil (histórico e indicações). In: ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA. 1943. **Anais...** São Paulo: Gráfica Cruzeiro do Sul, 1943. p. 1-77.

BOURROUL, Celestino. *Águas radio-activas de Lindoya*. Conferência realizada pelo Dr. Celestino Bourroul, na sociedade de medicina e cirurgia em 22 de abril de 1920. Migy-Mirim: Casa Cardona, 1929.

BRANDÃO, Manoel Dias dos Santos. Termoclimatimo social. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HIDROCLIMATISMO, 1. **Anais...** Poços de Caldas: Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, 1937. p.31-45.

BRASIL. Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943. **Dispõe sobre as Consolidações das Leis do Trabalho – CLT**. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

CALDEIRA, João Netto. **Álbum de Serra Negra**. São Paulo: Organização Cruzeiro do Sul, 1935.

CAMPOS E SILVA, José Paulo. **Guia Histórico de Águas de Lindóia**. Campinas, SP: Átomo, 2005.

DALLARI, Nélio. **Sob o céu azul da estância de Serra Negra**. Serra Negra: Artes Gráficas “O Serrano”, 1966.

ESTAÇÃO THERMAL DE LINDOYA. **Papeis avulsos**. Águas de Lindóia: Biblioteca Pública Municipal Germano Gelmini, [s.n.t.].

GÓIS JÚNIOR, Edivaldo. Higienismo. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (org.). **Dicionário crítico de educação física**. Ijuí: Editora Unijuí, 2005. p.227-228.

GUIMARÃES, Ranulpho Queiroz. **As águas minerais medicinais de São Paulo**. São Paulo: Oficinas do Diário Oficial, 1923.

HASSE, Manuela. **O divertimento do corpo: corpo, lazer e desporto na transição do séc. XIX para o XX, em Portugal**. Lisboa: Temática, 1999.

LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LINDOYA: A estação climática que é um manancial de esperanças e de energias no embate do bem contra o mal. **A comarca**, Migy-Mirim, n.3769,30 maio 1935.

LUZ, Madel Therezinha. **Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde, (1850-1930)**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MARRICHI, Jussara Marques Oliveira. **A cidade termal: ciência das águas e sociabilidade moderna entre 1839 a 1931**. 2009. 157 f. Dissertação (mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

MEDEIROS, Daniele Cristina Carqueijeiro de; SOARES, Carmen Lucia. Entre a cura e o divertimento: as viagens de férias junto à natureza em estâncias hidrominerais (1930-1940).

Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 38, p. 213-219, 2016.

NEIVA, Arthur; PENNA, Belisário. Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. **Memórias do Instituto Oswaldo Cruz**, v.8, n.3, p.74-224, 1916.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo: teoria e história. **Perspectiva**, p. 13-20, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10335/9600>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

PENNA, Belisário. **Saneamento do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, 1923.

PROCURE o ar puro dos campos. **Viver: mensário de saúde, força e beleza**, ano 2, n.18, p. 18, 1940.

PROPAGANDA THERMAS DE LINDOIA. **Papeis avulsos**. Águas de Lindoia:Arquivo Pessoal Professor Francisco Goulart, [s.n.t.].

QUINTELA, Maria Manuel. Saberes e práticas termais: uma perspectiva comparada em Portugal (Termas de S. Pedro do Sul) e no Brasil (Caldas da Imperatriz). **História, Ciências, Saúde: Mangueiras**, v. 11, supl.1, p. 239-260, 2004.

RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). In: CORBIN, A.; CSERGO, J. **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Lisboa: Teorema, 2001. p.91-136.

REZENDE, Pádua. **As águas minerais do estado de Minas Geraes**. Paris: Ronsin, 1920.

RIZZO, Vicente. Cura da diurese pelas águas de Lindoia (algumas observações clínicas). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HIDROCLIMATISMO.1937. **Anais...** Poços de Caldas: Sociedade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, 1937. p. 783 – 796.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. **A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo**. Campinas: Mercado de Letras; FAPESP, 2003.

SÃO PAULO. Decreto Estadual n. 6501, de 19 jun 1934. Cria na divisão administrativa do Estado os municípios destinados a estâncias de tratamento ou de repouso, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 20 jun. 1934, p.1.

SOARES, Carmen Lucia. Educação do corpo. In: GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. (Org.). **Dicionário crítico de educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2014. p.219-225.

SOARES, Carmen Lucia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). In: SOARES, Carmen Lúcia (Org.). **Uma educação pela natureza: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 9-45.

SOARES, Carmen Lucia. Uma educação pela natureza: o método de educação física de George Hébert. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.37, n.2, p.151-157, 2015.

TEMPORADA DE VERÃO DE 1947. São Paulo: Exprinter do Brasil, 1947.

TERMAS DE LINDOIA: estância de repouso e sanatório. **Jornal do Estado**, São Paulo, 25 mar 1933.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação a plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

VILLARET, Sylvain. **Histoire du naturisme en France depuis le siècle des lumières**. Paris: Vuibert, 2005.

Apoio:

CNPq- Bolsa, Produtividade em Pesquisa nível 2-Processo n. 304254/2016-9, profa. Carmen Lucia Soares